



## OPINIÃO

## A corrida silenciosa



**ANTÓNIO COMPRIDO**  
Secretário-geral da Associação  
Portuguesa de Empresas Petrolíferas  
(APETRO)

Há atividades na vida das pessoas, das empresas e da economia em geral, que só são notícia quando falham. Quando tudo está a decorrer normalmente e sem sobressaltos são completamente ignoradas, mesmo que por trás haja muito trabalho e esforço dos que garantem a sua continuidade. É aquilo a que os ingleses chamam "*silent running*". Se pensarmos bem, essa é a norma e não a exceção. As atividades que são notícia, são aquelas que se salientam pelo seu impacto mediático, familiar ou empresarial, não sendo necessariamente as mais importantes e difíceis de desenvolver.

O fornecimento de energia insere-se claramente naquela categoria. Só nos apercebemos da sua importância quando há interrupções ou perturbações: faltou a eletricidade, faltou o gás ou as bombas de combustível "secaram"... Todos já perceberam que isto vem a propósito da crise energética que vivemos na semana transata com a greve decretada pelo Sindicato dos Motoristas de Matérias Perigosas.

Não vou aqui tecer quaisquer comentários ou emitir quaisquer juízos sobre as razões subjacentes a essa decisão, nem sequer ao modo como ela decorreu e ainda menos ao modo como terminou e aos comentários que gerou. Vou limitar-me a avaliar as consequências que decorreram da interrupção da tal atividade de "*silent running*", que, neste caso, foi a distribuição de combustíveis líquidos e de GPL. Para além da face mais visível e que levou muitos portugueses em pânico a correrem para os postos de abastecimento, apressando o inevitável – exaustão dos *stocks* disponíveis nestas áreas –, muitos outros setores enfrentaram dificuldades.

Assistimos à necessidade de desviar aviões para abastecerem fora do território nacional, empresas que reduziram a sua

produção ou pediram aos seus trabalhadores para trabalharem a partir de casa, transportes de passageiros com redução de horários, serviços municipais de remoção de resíduos interrompidos, distribuição de produtos essenciais em risco e muitos outros que falta aqui enumerar.

Os combustíveis líquidos e gasosos, com maior ênfase nos primeiros, são a fonte principal de energia para os transportes, e esta greve permitiu-nos perceber o que significa a interrupção da sua disponibilidade. E são-no, porque têm características únicas de densidade energética e facilidade de utilização, sendo manuseados à temperatura e pressão ambientes, sem necessitarem de instalações muito sofisticadas para a sua armazenagem e distribuição.

É por isso que se queremos continuar a ter o *silent running* nos transportes, devemos cuidar desta atividade, procurando que a sua utilização seja o menos agressiva possível para o ambiente, mas sem falsas promessas de sucedâneos, que nunca serão totais e muito menos imediatos.

E já agora, depois de ouvir tantos elogios aos promotores deste episódio, ao modo como se conseguiu pôr-lhe fim, e aos setores que colaboraram nesse exercício de aproximação de posições, não posso deixar de sublinhar a importância de todos os que continuaram na sua "corrida silenciosa" para mitigarem os efeitos da paralisação e rapidamente reporem a normalidade logo que isso foi possível. São empresas, e são sobretudo as pessoas que nela participam que merecem o nosso reconhecimento. ●

Depois de ouvir tantos elogios aos promotores deste episódio, recordo os que contribuíram, na sua "corrida silenciosa" para mitigar os efeitos da paralisação e repor a normalidade